

8

A casa brasileira do século XIX

*“[...] Não há assunto mais complexo que a casa: sobretudo a patriarcal, paradoxalmente materna, como foi a que presidiu a formação social do Brasil e continua projetada sobre o ‘ethos’ do brasileiro através de tipos menos absorventes de casa.” Gilberto Freyre, *Oh de casa!*, p. 2*

A casa brasileira do século XIX foi o sobrado, o mucambo, a casa térrea, a casa assobradada, a casa de esquina (ou casa de canto de rua), a casa com negócio, a casa nobre, a casa de sítio, a casa de chácara, a casa da roça, a casa de campo; a casa de pedra, a casa de taipa, a casa de tijolo, a casa de pau-a-pique e sapé; a casa de janela de rótula – substituída pela vidraça, a casa dos muxarabis e gelosias; a casa cujos tigres anteriormente carregados pelos escravos todo fim de tarde foram substituídos

por aparelhos sanitários com a implantação de sistemas de coleta de esgoto e, por outro lado, a casa que passou a usufruir de sistemas de distribuição de água; a casa cujo jardim que ficava no fundo do lote, junto às árvores de fruto, passou para a área lateral do terreno e, em seguida, para o recuo frontal, provido principalmente de plantas ornamentais; a casa cujos beirais, às vezes largos, às vezes mais estreitos, foram substituídos por platibandas e cuja fachada recebeu ornamentos neoclássicos ou ecléticos; a casa onde a senzala ou os quartos de escravos foram substituídos por dormitórios de empregada; a casa onde as alcovas deram lugar a quartos iluminados e ventilados com o afastamento da construção dos limites laterais do terreno; a casa tradicional que aos poucos se europeizou (ou re-europeizou).

A casa brasileira do século XIX foi uma casa em transformação, assim como a paisagem urbana e a sociedade do período. Uma casa que se modificou para se ajustar aos novos gostos, aos novos costumes, às novas técnicas construtivas, aos novos materiais de construção, aos novos padrões de higiene e salubridade, a um novo sistema de trabalho, recebendo as influências externas sem que houvesse um questionamento em relação à adequação dessas influências ao clima, ao relevo, às características próprias do lugar.

Desse modo, passou-se dos sobrados e mucambos aos palacetes e cortiços, aos chalés e vilas operárias. O imigrante rico desejando habitar o palacete; o imigrante pobre preferindo o cortiço ao mucambo – a habitação do ex-escravo. Esses tipos habitacionais surgiram na paisagem urbana brasileira ainda no século XIX e se espalharam pelo tecido urbano nas primeiras décadas do século XX, sendo substituídos posteriormente por outros tipos de habitação de um modo ainda mais acelerado, especialmente a partir da difusão do concreto armado e do elevador.

Como definir, então, a casa brasileira do século XIX em toda sua pluralidade, sua complexidade de significados e de significações, e sua propensão ou inclinação às mudanças?

Pode-se dizer que existiu uma casa brasileira (tradicional) no início do século XIX, outra casa (com traços neoclássicos) em meados do século, e uma casa (ecclética) em fins do século XIX? Ou existiram várias casas? A casa do índio, a casa do negro, a casa do branco rico, a casa do branco pobre, a casa do caboclo, a casa do europeu, a casa do imigrante, a casa do trabalhador livre, a casa do profissional liberal, a casa do operário. Diversos tipos de casa a compor paisagens diferenciadas ou, às vezes, uma única e mesma paisagem.

A casa brasileira do século XIX foi tão complexa e plural e tão multi-cultural quanto a sociedade que a construiu, moldou, adaptou e transformou, como revela a análise dos relatos de viagem, dos anúncios de jornal, das pinturas e fotografias paisagísticas do período. Poderia talvez ser definida por seus antagonismos: transformação e permanência; influências externas e herança cultural; o tradicional e o novo; materiais duradouros e materiais efêmeros – algumas vezes indicando habitações distintas, outras vezes presentes na mesma habitação, na mesma casa (brasileira).

A obra de Gilberto Freyre faz parte de um contexto histórico específico no qual teve início a valorização de fontes documentais como relatos de viagem, memórias, diários e anúncios de jornal para a construção da História Nacional. Foi inovadora por considerar não apenas a habitação rica, mas também a habitação mais simples, e por apresentar um estudo desses tipos edificatórios para explicar a sociedade, sendo por isso de notável importância para a História da Arquitetura Brasileira.

Em *Sobrados e mucambos*, Gilberto Freyre contrapõe o sobrado ao mucambo, o cortiço ao mucambo, a casa térrea e a casa de sítio ou de chácara ao sobrado urbano patriarcal – o sobrado de esquina aparece apenas como uma variação deste último.

O sobrado, construção mais vertical, correspondeu ao melhor tipo de habitação urbana de princípios do oitocentos, de

acordo com a sociedade da época, em oposição ao mucambo, mais horizontal e erguido com materiais disponíveis no entorno imediato, que serviu de moradia às “*classes inferiores*”; a casa térrea, na hierarquia dos tipos, ficaria no entremeio, entre o sobrado e o mucambo. Não foi tão valorizada como o primeiro, nem tão desprezada como o segundo.

Ampliando-se o recorte espacial, quase nos limites da área urbana, ou ultrapassando esses limites, encontrava-se a casa de chácara ou de sítio, esta sim apresentando muita vantagem em relação ao sobrado urbano, não obstante sua horizontalidade. Mas não era apenas a construção em si que a tornava mais apreciada, tanto pelos brasileiros mais ricos, como pelo olhar estrangeiro. O terreno mais amplo, a existência de jardins, hortas e pomares, a proximidade dos cursos d’água, a paisagem do entorno faziam com que fosse o tipo de habitação (semiurbana) de maior prestígio.

Com o processo de re-europeização, surgiram outros tipos de casa na paisagem brasileira: o chalé, o palacete, a vila operária. Difundiu-se o cortiço. O chalé tornou-se moda no cenário urbano justamente pelo seu aspecto europeizado – apesar de ser quase sempre uma construção térrea, em alguns casos com porão alto. Em relação ao palacete, sabe-se que muitos projetos foram importados da Europa, transplantando-se assim uma forma urbana de morar. Foi muitas vezes construção com mais de um pavimento (como os sobrados), com detalhes neoclássicos ou ecléticos na fachada e os cômodos internos decorados à europeia, indicando a difusão de novos gostos e costumes entre os brasileiros. No extremo oposto, situavam-se a vila operária e os cortiços, como tipos de habitação mais simples nas últimas décadas do oitocentos. A vila operária, seja em seus aspectos externos, seja em seu arranjo espacial, seja em suas conotações sociais, apresentava uma nítida influência europeia. O cortiço foi a habitação da mão-de-obra excedente da indústria, composta em grande parte por imigrantes.

Há que se mencionar ainda as construções do sul do Brasil, erguidas por outros imigrantes, como as casas de enxaimel, que não corresponderam à importação de projetos europeus ou ao desejo de re-europeização do país, mas à adaptação aos trópicos de modos de construir por colonos originários da Alemanha, da Noruega e de outros países da Europa.

Com a obra *Sobrados e mucambos*, Gilberto Freyre introduz entre nós a necessidade de se estudar não apenas os grandes edifícios – projetados por arquitetos de renome –, mas a casa – elemento fundamental na composição do espaço e da paisagem urbana; e não apenas a casa mais requintada, mas também a mais humilde (o mucambo, o cortiço, a favela) e a intermédia (como algumas casas térreas e chalés). Ensina a importância da análise da casa para a compreensão da sociedade brasileira. Ao contrapor uma casa com a outra, a maior com a menor, ambas com o entorno, com o local onde foram implantadas, dá lições da tipologia edificatória mais genuína, que está além da análise formal do edifício, e considera o entorno, os jardins, os espaços livres (a rua, a beira-mar), a hierarquia dos tipos, o período histórico, a sociedade.

A leitura do texto de Gilberto Freyre é, sob muitos aspectos, uma leitura densa. Mas independentemente das críticas colocadas em relação à sua obra, é inegável o fato de que proporciona um conhecimento mais aprofundado (e imprescindível) da sociedade brasileira e de suas formas urbanas (semiurbanas e até mesmo rurais, se pensarmos em *Casa-grande e senzala*) de morar.

